

## **POR PARTE DE PAI: FUSÃO ENTRE FICÇÃO E REALIDADE?**

BY HIS FATHER, A MERGER BETWEEN FICTION AND REALITY?

Andréia de Oliveira Alencar Iguma (UFGD)\*

---

**RESUMO:** É possível afirmar que a literatura é uma aliada primordial no quesito de formar leitores críticos e inventivos. De tal modo, é necessário que os jovens leitores tenham acesso a livros de diferentes gêneros, com o propósito de conseguirem estabelecer um diálogo entre o mundo ficcional e social por meio de livros qualitativos. Entretanto, o gênero autobiográfico não é tão difundido no âmbito escolar, deixando em certos momentos, lacunas ao se reportar à memorialística. Sendo assim, este artigo procederá, tendo como objetivo primordial, perscrutar a memorialística presente na escrita de Bartolomeu Campos de Queirós, na obra *Por parte de pai*. Investigando em quais momentos é possível perceber uma fusão entre ficção e realidade na narrativa de cunho autobiográfico, que pertence a uma trilogia que retrata a infância do autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ficção. Memória. Realidade.

---

---

**ABSTRACT:** It is possible to say that literature is a vital ally in the question of forming critical readers and inventive. So it is necessary that young readers have access to books of different genres, in order to achieve a dialogue between the fictional world and society through quality books. However, the autobiographical genre is not as widespread in schools, leaving at certain times, to report to the gaps memorial. Therefore, this article shall, with the primary objective, peer writing this memorial to Bartolomeu Campos de Queirós, the work by his father's side. Investigating at what time you can see a merger between fiction and reality in autobiographical narrative, which belongs to a trilogy that depicts the childhood of the author.

**KEYWORDS:** Fiction. Memory. Reality.

---

---

\* Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: [dheia\\_oliveira@hotmail.com](mailto:dheia_oliveira@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

Sou frágil o suficiente para uma palavra me machucar, como sou forte o suficiente para uma palavra me ressuscitar. (QUEIRÓS, 1995, s/p).

A ideia de escrever um artigo sobre o livro *Por parte de pai*, de Bartolomeu Campos de Queirós, é proveniente da disciplina “Teorias da narrativa e modos de representação”, ministrada pelo Professor Doutor Paulo Bungart Neto no curso de Mestrado em Letras da UFGD. A escolha da obra partiu do momento em que esta se faz presente no âmbito da literatura infanto-juvenil, que é nosso objeto de estudo desde a graduação e retrata uma vertente estudada em sala de aula, a memorialística.

Guardada em um livro de 73 páginas, com folhas amarelas, e uma capa propositalmente desbotada, coberta de retratos e de um cenário que nos remete a um passado um tanto distante, indícios valiosos de algo que foi vivido no passado. A autobiografia de prosa poética de Bartolomeu Campos de Queirós (1995), escrita de maneira peculiar, como cabe ao autor em sua leveza ao conseguir organizar palavras soltas, em orações, que ao somá-las, constitui a escrita de seus livros.

Tal constatação permitiu o entendimento de que, para escrever esta trilogia, o autor contou com algo próprio de sua vivência, sua memória, que aos olhos de Donaldo Schüller, “vem a ser um auxiliar valioso. Mesmo no estreito espaço de si mesmo, há limites. A memória falha. Recordar fatos não significa compreendê-los” (SCHÜLLER, 1989, p. 28). Entretanto, por meio do desenrolar das próximas linhas, nos serão apresentados fragmentos do testemunho de uma infância, através de uma viagem encantadora escrita pelas mãos de Queirós. Tendo em vista que esta disciplina veio oferecer subsídios teóricos, capazes de permitir uma leitura da narrativa selecionada, com o propósito maior de identificar a memorialística difundida na obra. Visto que as leituras aduzidas propiciaram um maior entendimento em relação ao aparato teórico necessário para uma análise crítica.

Sendo assim, a proposta que inaugura este artigo é fazer uma leitura da obra de Queirós (1995), investigando a fusão entre ficção e realidade estabelecida na narrativa. De modo evidente, a epígrafe que encima este texto, apresenta o autor como alguém que acredita veementemente no poder que as palavras possuem em ressuscitar. Por meio desta comprovação, organiza três livros (*Indez, Por parte de Pai e Ler, escrever e fazer conta de cabeça*) com o propósito maior de resgatar o período de uma infância guardada na memória e agora transcrita na literatura. Entretanto, o desenvolver das próximas páginas, que constituem a escrita deste artigo, se apóia unicamente na obra *Por parte de pai*, que permiti

o nascer de dois subtítulos: *testemunho de uma infância: uma história vivida por parte de pai* e *A memorialística na literatura infanto-juvenil*.

## 1 TESTEMUNHO DE UMA INFÂNCIA: UMA HISTÓRIA VIVIDA POR PARTE DE PAI

A casa do meu avô foi o meu primeiro livro. (QUEIRÓS, 1995, p. 12).

A cada dia a leitura ocupa um espaço essencial dentro de nossa sociedade, de forma direta ou não, o sujeito se depara com sinais gráficos em grande parte de seu cotidiano. De tal modo, é necessário que as pessoas tenham em mente que ler é muito mais do que decodificações de código, visto que em uma leitura, o leitor é tão importante quanto o texto, este vem completar o significado proposto pelo autor. E isso é prodigioso, pois a cada nova leitura há uma nova construção de sentido. De tal modo é como diria Antonio Candido (2004), “negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade” (CANDIDO, 2004, p. 8), visto que “ela tem papel formador de personalidade” (CANDIDO, 2004, p. 4).

Nesta perspectiva, Aguiar (2007, p. 18) defende que

a arte literária é o espaço da imaginação, do lúdico, da liberdade. Aceitando o pacto ficcional proposto pelo autor, invento novos mundos, experimento emoções jamais sentidas [...]. Ao término da leitura, não sou a mesma de antes, porque tenho comigo os resultados da experiência vivida, equilibrada na linha que une fantasia e realidade (AGUIAR, 2007, p. 18).

O relato da importância da leitura, descrito por Aguiar (2007), deixa clara a importância da leitura nas vidas das pessoas. É certo que todos têm a necessidade dessa imaginação e viagem que é possível por meio do ato de ler. Evidencia-se que o texto literário, além de garantir a presença de características lúdicas, também requer dos sujeitos, envolvidos em seu processo de ensino-aprendizagem, níveis de reflexão cada vez mais dinâmicos e complexos. Contudo, é possível dizer que a leitura é a recriação, reescritura, interação criativa entre o leitor, a palavra e o mundo.

Sendo assim, é de fundamental importância que nossos leitores iniciantes, recebam o incentivo de praticarem este hábito prazeroso dentro de seus lares, com o estímulo de seus familiares, recebendo orientações da grandeza que a leitura possui em nossas vidas.

Frente ao exposto, nos deparamos com a obra *Por parte de Pai*, que estabelece uma linha tênue entre memória e ficção que irá contribuir de forma singular para o desenrolar das próximas linhas. Um livro inspirado em momentos da infância do autor, que vem a ser o protagonista do nosso objeto de estudo neste artigo.

Antonio ainda era criança, e vivia com os seus avôs paternos, Joaquim e Maria, visto que sua mãe já falecera e seu pai havia constituído uma nova família, e por ser motorista, passava a maior parte de seu tempo em viagens. Dessa forma, foi nesta casa que aprendeu muitos de seus valores e, como sugere a epígrafe, seus ensinamentos. Realidade memorialística, escrita na literatura e vivenciada por muitos de seus leitores, um processo que une fantasia e realidade.

Ao percorrer as páginas de *Por parte de pai*, o leitor se depara com uma descrição que consegue ser quase palpável,

Debruçado na janela meu avô espreitava a rua da Paciência, inclinada e estreita. Nascia lá em cima, entre casas miúdas e se espichava preguiçosa, morro abaixo. Morria depois da curva, num largo com sapataria, armazém, armarinho, farmácia, igreja, tudo perto da escola Maria Tangará, no alto de São Francisco. Não me lembro onde ficava a casa paroquial e vivia o vigário vestido com batina preta e sapato de verniz e elástico” (QUEIRÓS, 1995, p. 1).

Um resgate da memória do narrador que leva o leitor a acreditar veementemente que o que está lendo é realidade, de tal modo a leitura do texto de Gerard Genette (1976) nos conduz ao entendimento de que “definir-se-á sem dificuldade a narrativa como a representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem, e mais particularmente da linguagem escrita” (GENETTE, 1976, p.255), ainda sugere que toda narrativa sustenta, “de um lado representações de ações e de acontecimentos, que constituem a narração propriamente dita, e de outro lado representações de objetos e personagens, que são o fato daquilo que se denomina hoje descrição.” (GENETTE, 1976, p. 262).

Vemos, portanto, que no início da narrativa, o leitor começa a oscilar entre ficção e realidade, o mesmo personagem intitulado como Antonio, seria na verdade o autor que nos escreve. Evidentemente, acredita que é por meio da imaginação que se podem lembrar as lembranças de um passado guardado na memória, como nos conduz a pensar Bungart Neto:

somos irremediável e condenadamente mortais e portanto de certa forma impelidos a, através de recuos, ressignificações e reterritorializações do tempo perdido (“escoado”) e recuperado pela memória (o tempo “redescoberto”), esquecermos parcialmente a triste constatação da finitude da vida e da presença inevitável da morte, através do recurso de imaginar-se criança novamente, livre das intrincadas maquinações, frustrações, recalques e cobranças do mundo adulto (BUNGART NETO, 2007, p. 14).

Claramente, a memória para muitos acaba sendo um refúgio, ou até mesmo esconderijo, um espaço regado de imaginações e fantasias permeadas de realidades ora

guardadas, ora esquecidas. De certo modo, não é possível afirmar que todos os escritores deste gênero traspassam entre ficção e realidade, permitindo uma fusão entre esses dois aspectos tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos. Visto que, ao tentar transpor “verdades” para o palpável, um longo caminho já fora traçado, permitindo que realidades vividas ganhassem asas na fantasia.

Assim, o escritor brasileiro Donald Schüller, diz que

falar de si mesmo é tendência natural de quem se apresenta como sujeito da enunciação. Ninguém nos conhece melhor do que nós nos conhecemos a nós mesmos. Assim se pensava antes de Freud. Escolados pela psicanálise, sabemos que somos mistério até para nós mesmos. Procuramos conhecer-nos através do outro, através da linguagem de outros, através de textos que pretendem inutilmente devolver-nos o que de nós se perdeu (SCHÜLLER, 1989, p. 29).

Tal constatação nos encaminha para a cidade natal de Bartolomeu Campos de Queirós, visto que não é a mesma de sua infância nem tampouco aquela com que o memorialista se deparava no momento em que escrevia, mas uma terceira, uma cidade somente sua porque imaginada e repovoada à sua maneira. A paixão por escrever o que acontecia em sua vida, e a noção de que as vidas das pessoas são verdadeiros livros, já estava em Queirós desde sua infância, quando vivenciava por meio dos exemplos ministrados pelo seu avô Joaquim.

O avô, com medo de esquecer o que acontecia em sua vida, decidiu fazer das paredes de sua casa, também seu caderno. Caderno este do qual as páginas não poderiam simplesmente ser arrancadas, de tal modo, que enquanto as paredes estivessem em pé, a vida de muitos que passaram pela sua, teriam seus registros preservados,

todo acontecimento da cidade, da casa, da casa do vizinho, me avô escrevia nas paredes. Quem casou, morreu, fugiu, caiu, matou, traiu, comprou, juntou, chegou, pariu. Coisas simples como agulha perdida no buraco do assoalho, ele escrevia. [...] As paredes eram o caderno do meu avô. Cada quarto, cada sala, cada cômodo, uma página. Ele subia em cadeira, trepava em escada, ajoelhava na mesa. Para cada notícia escolhia um canto. Conversa mais indecente, ele escrevia bem no alto. Era preciso ser grande para ler, ou aproveitar quando não tinha ninguém em casa. Caso de visitas, ele anotava o dia, a hora, o assunto ou a falta de assunto. Nada ficava no esquecimento, em vaga lembranças: “A Alice nos visitou às 14 horas do dia 3 de outubro de 1949 e trouxe recomendações da irmã Júlia e do filho Zé Maria, lá de Brumado” (QUEIRÓS, 1995, p. 10-11).

O menino leitor desse livro-casa imaginava o nascer de episódios “enquanto ele escrevia, eu inventava histórias sobre cada pedaço da parede” (QUEIRÓS, 1995, p. 12). Investindo parte de seus dias em histórias, e como ele nos conta

história não faltava. Eu mesmo só parei de urinar na cama quando meu avô ameaçou escrever na parede. O medo me curou. Leitura era coisa séria e escrever, mais ainda. Escrever era não apagar nunca mais. O pior é que, depois de ler, ninguém mais esquece, se for coisa de interesse. Se não tem interesse, a gente perde ou joga fora (QUEIRÓS, 1995, p. 14).

Desde cedo, a importância da leitura foi sendo construída, no universo particular do garoto, por meio de exemplos ministrados pelo seu avô, e vivenciados na prática em sua casa, ler lhe propiciava descobertas e ensinamentos,

apreciava meu avô e sua maneira de não deixar as palavras se perderem. Sua letra, no meio da noite, era a única presença viva, acordada comigo. Cada sílaba um carinho, um capricho penetrado pelos olhos até o passado. Meu avô pregava todas as palavras na parede, com lápis quadrado de carpinteiro, sem separar as mentiras das verdades. Tudo era possível para ele e suas letras. Não ser filho do meu pai era perder meu avô. O pesar estava aí. E se isso estivesse escrito no teto, em alguma parte bem alta da casa onde eu só pudesse ler depois de grande? (QUEIRÓS, 1995, p. 18).

Como o pai pouco o visitava, e o relacionamento cada vez mais frio ficava, Antonio chegou a pensar que talvez não fosse seu filho biológico, e se isso se constatasse, sua vida perderia total sentido, visto que todos os seus valores, ensinamentos e todo amor que sentia e recebia se fazia presente na família paterno, que o acolheu, após a morte de sua mãe. E assim, dia após dia, a leitura adquiria um espaço de maior valor na vida do garoto. A narrativa confirma, em suas páginas amarelas, e muito bem traçadas, promovendo um diálogo com Ezequiel Teodoro Silva (2005), “a leitura se ensinada, aprendida e praticada de maneira crítica, pode constituir uma janela para o mundo, uma luz no túnel, um passaporte para a racionalidade [...], uma navegação geradora de descobertas (SILVA, 2005, p. 50). Tanto verdade é que o protagonista da narrativa também é o autor mineiro premiado, pelas suas ideias guardadas em formato de livros.

Uma fusão clara, entre ficção e realidade, pode ser vista, ao colocar o sobrenome que carrega na narrativa, sendo que, como autor a escrita é com “s” e na narrativa com “z”.

meu avô, pela janela, me vigiava ou me abençoava, até hoje não sei, com seu olhar espantando de quem vê cada coisa pela primeira vez. E aqueles que por ali passavam lhe cumprimentava: - “Oi, seu Queiroz”. Ele respondia e rimava: - “tem dó de nós” (QUEIRÓS, 1995, p. 21).

Certamente, Antonio era um admirador ímpar de seu avô, um senhor sábio, que conseguira transpor com palavras escritas nas páginas de sua casa, as sensações que, vividas, poderiam ser eternizadas pela sua escrita,

Joaquim quase não mais saía. Usava todas as janelas da casa, apreciando os quatros cantos do mundo, sempre surpreso, descobrindo uma nova cor, uma nova lembrança. Havia tanto mundo para ver, dava até preguiça, dizia

ele. Uma coisa meu avô sabia fazer: olhar. Passavas horas reparando o mundo. Às vezes encarava um ponto no vazio e só desgrudava quando transformava tudo em palavras nas paredes. Ele não via só com os olhos. Via com o silêncio (QUEIRÓS, 1995, p. 25).

E a cada dia, Antonio via em seu avô um exemplo a ser seguido, de um senhor que acreditava fortemente no poder da educação, “e meus colegas elogiavam minha atenção, enquanto meu avô me ensinava, junto com a escola, a saldar a vida” (QUEIRÓS, 1995, p. 41). De tal modo, a alegria acabou com a chegada da doença de sua avó, e com a presença de uma tia que se dirigia aquela família de modo grosseiro, “minha tia veio para ajudar na casa, fazer comida para três inválidos, segundo ela. Meu avô, preguiçoso, minha avó, encostada e o neto, um arado.” (QUEIRÓS, 1995, p. 57).

E assim, Antonio foi perdendo seu espaço naquela casa, que guardava suas histórias, seus desejos e anseios, que havia sido confiada como portadora de tantos segredos e alegrado tantos fevereiros. Mas agora, seu avô, seu companheiro, estava esquecendo-se de viver, tendo a tristeza como companhia, ao ver sua companheira padecer antes de morrer. Com a ausência dos cuidados do avô, cada dia sem espaço, vagava pelas ruas, sem saber o que fazer, foi quando,

Meu pai chegou no meio da tarde, vestido de desânimo. Encostou o caminhão em frente de casa. Enrolei minhas poucas coisas sem deixar os cadernos e as cartilhas já decoradas. Esqueci de mim mesmo, debaixo do travesseiro, a caixa de lápis de cor. Passei os olhos pelas paredes conferindo as páginas e minha memória. Eu sabia cada pedaço, cada margem, cada entrelinha desse livro (QUEIRÓS, 1995, p. 72).

E agora, as páginas de sua vida ficaram para trás, guardadas na memória de um jovem rapaz, que, envolvido de tantos sentimentos nobres, resolve partilhar, com seus leitores, uma história vivida “por parte de pai” e transcrita na literatura.

## **2 A MEMORIALÍSTICA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL**

A literatura simula a vida, não para retratá-la, mas para permitir ao leitor que dela participe. (ISER, 1999, p. 42)

A recordação da infância, escrita na obra de Queirós (1995), por meio da memorialística, reproduz um momento vivido pelo autor, por meio da literatura e alcançado pelo leitor, ao poder explorar um território já não mais existente, mas narrado por quem participou deste cenário, em um determinado momento de sua vida, ao galgar para o ficcional o que um dia foi real, utilizando-se da memorialística, no caso da obra de cunho autobiográfico que deu fôlego a este artigo.

De modo evidente, há muito que ser estudado neste gênero de singular valor no âmbito acadêmico, visto que é de fundamental importância que os leitores iniciantes (ou não) se reconheçam na literatura, e vejam narrativas memorialísticas, retratarem universos comuns aos seus. No momento em que a literatura ficcional, reproduz o gosto instantâneo do leitor, ela desperta o processo de identificação do sujeito com os elementos da realidade representada, gerando prazer.

Ao procurar fulcros teóricos que permitam o estudo deste gênero, se faz notável a limitação de estudiosos que direcionam suas pesquisas a este. Porém, no livro de Eliane Zagury *A escrita do eu* (1982), encontram-se fundamentos que permitem uma discussão aguçada a fundo sobre o gênero autobiográfico em nossa literatura, principalmente as memórias de infância, recorte enfatizado já desde a introdução, onde a autora afirma que “é na década de 40 que surgem, entre nós, as memórias de infância, subgênero da literatura confessional que veio produzir textos de qualidade indiscutível, sendo mesmo um dos sustentáculos da nossa prosa lírica” (ZAGURY, 1982, p. 14). Enfatizando que este gênero ainda é pouco difundido em nosso meio, considerado por muitos, como gênero menor. Ainda na fala da autora,

Na verdade, falar de si mesmo é uma ruptura de perspectiva, um desequilíbrio e o sujeito, sendo o seu próprio objeto, como que caminha sobre uma perna só. O distanciamento temporal – um eu objeto passado em relação a um eu sujeito presente – representa o perfil de uma segunda perna fantasmagórica, porque a memória é sempre fluida e inconsciente. A literatura memorial, portanto, há de ser sempre uma literatura crítica, no sentido de ser em crise. Se em face de si mesmo, frequentemente, o homem está indefeso, em face da literatura memorial, o escritor está sempre inerme. Cada obra que se preze equivale a um reinício do gênero, porque sua matéria só se pode acreditar como especialíssima. Daí que não seja comum o tratamento evolutivo desse gênero literário. As histórias da literatura simplesmente o ignoram, concedendo algumas vezes que ele apareça na bibliografia acessória de um grande poeta ou romancista (ZAGURY, 1982, p. 15).

Entretanto, a obra analisada neste artigo é de cunho autobiográfico, sendo o núcleo temático um período da vida do autor, mais precisamente, neste caso, sua infância, permitindo, como sugere Zagury, o reinício do gênero pelas mãos de Queirós. Como Zagury define a autobiografia como um gênero complexo, em que participa,

em princípio, de duas linhas bem contrastantes de desenvolvimento da matéria literária: a narrativa histórica e a prosa lírica. O escritor há de ver-se ora puxado para um lado ora para o outro, tendendo às vezes a assumir formalmente uma das diretrizes, mas acabando por ser atraído sem remédio pela intromissão da outra (ZAGURY, 1982, p. 15).

Porventura seja desejo do autor comunicar uma emoção que possa ser revivida, talvez reinventada, por meio da literatura memorial. O livro proposto é subdividido em capítulos que não são numerados e nem nomeados, ou seja, não há um padrão, os fragmentos do texto são separados por um espaço em branco, e as capitulares marcam o início de cada capítulo.

O narrador utiliza-se do discurso indireto para narrar as ações, "Contei para meu avô e ele me pediu segredo. "Quem fala muito, dá bom-dia a cavalo", afirmou. Fiquei na maior vontade de encontrar um cavalo para cumprimentar "(QUEIRÓS, 1995, 32). E por tratar-se de uma prosa poética, nota-se uma linguagem altamente elaborada. Além disso, o texto é marcado por frases curtas, mas que ao mesmo tempo apresentam uma construção refinada e repleta de adjetivos e metáforas, com o intuito de gerar sensações e percepções no leitor, "Vestida de noite, olhar prudente, movimentos brandos, minha avó batia com dois garfos, as claras para nos servir, de repente, brancos suspiros, com aroma de limão desmanchando no céu da boca" (QUEIRÓS, 1995,12) .

Antonio, protagonista e narrador da obra, visto que se nos apoiarmos na classificação de vozes da narrativa, feita por Gérard Genette (1976) em *Figures III*, podemos enquadrar esta narrativa como autodiegética, na qual é narrada em primeira pessoa e tem o personagem principal como narrador nos encaminha para a interpretação de que este viveu em companhia de leitor. E se levarmos em consideração que é uma obra memorialística, pode-se dar os créditos ao avô paterno, (daí o nome do livro) pelo premiado escritor mineiro que aqui abordamos.

Com base na leitura do texto de Anatol Rosenfeld, apresentando a literatura como algo puramente ficcional, mas de modo evidente adquire seu valor próprio. Que a partir do momento que escrevemos algo, mesmo que seja a nosso respeito, a verdade é ofuscada, gerando uma representação do real.

Outro aspecto relevante ao analisar narrativas é pontuado por Rosenfeld (1985), como a personagem, que é a principal responsável pela ficcionalidade da obra, porque é ela que, com mais nitidez, torna patente e constitui a ficção. Ainda por meio dessas personagens, a camada imaginária se adensa e se cristaliza. Permitindo uma constatação de que, apesar do valor das demais partes que constitui a narrativa, o foco principal sempre é pautado na personagem, que direciona toda a trama e o desenrolar da escrita gira em torno desta. Corroborando, Rosenfeld nos incita com a sua fala que a personagem

Como indicadora mais manifesta da ficção é por isso bem mais marcante a função da personagem na literatura narrativa [...] É geralmente com o surgir de um ser humano que se declara o caráter fictício (ou não-fictício) do texto, por resultar daí a totalidade de uma situação concreta em que o acréscimo

de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária (ROSENFELD, 1985, p. 23).

Evidentemente, no âmbito literário, a literatura nos permite uma total liberdade de escolhas, de acreditar e desacreditar assim que necessário, ou se queira, criticando ou exaltando a personagem em questão, sem pudor de uma possível condenação, fatos esses que, no mundo “real”, precisam ser moderados. Entretanto, é sublime constatar que a ficção é nosso campo de batalha e também nosso refúgio, permitindo perpetuarmos em universos distintos e saborear a fusão de dois mundos, o “real” e o imaginário, como nos conduz a obra *Por parte de pai* (1995).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

E eu não sabia que minha história era mais bonita que a de Robinson Crusoe. (ANDRADE, 2008, p. 93)

Quem de nós, literato ou não, não seria capaz de serem personagens de uma narrativa memorialística, visto que temos vidas, passados, histórias a serem contadas, que, de forma evidente ou não, se assemelha com de mais alguém? É agradável pensar que a literatura representa de forma singular o mundo e tudo o que nele há, e recheada de metáforas, permite que sensações ou verdades, já mais provadas, sejam experimentadas, ao percorrer páginas de um livro, visto que “a página branca é envenenada. O livro que não conta nenhuma narrativa mata. A ausência de narrativa significa a morte” (Todorov, 1970, p.128). E, de fato, ninguém se propõe a ler se não for para encontrar páginas preenchidas de histórias que alcançam vidas.

A obra eleita para a elaboração deste artigo vem ao encontro de muito daquilo que foi estudado em sala de aula no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, permitindo o entrelaçar de teorias e narrativa, forma irrepreensível de corroborar os ensinamentos ofertados, e agora aplicados.

Sendo assim, as possíveis considerações estabelecidas neste artigo, foram de confirmar a proposta que o inaugurou, direcionando o leitor ao entendimento de que na leitura de uma obra literária de cunho autobiográfico, há uma constante fusão entre ficção e realidade, pois nem mesmo a nossa memória é capaz de nos fazer reviver momentos sem um mesclar com o processo mimético, de representar o real, por meio do ficcionismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura e educação: diálogos. In: PAIVA, Aparecida et al. (Org.). *Literatura: saberes em movimento*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007. p. 17-27.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética* (organizada pelo autor). Prefácio: Marco Lucchesi. 60. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008
- BUNGART NETO, Paulo. *Augusto Meyer Proustiano: a reinvenção memorialística do eu*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 2.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. In: \_\_\_\_\_. *Análises estruturais da narrativa: Pesquisas Semiológicas*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 255-274.
- ISER, Wolfgang. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Tradução Maria Ângela Aguiar. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre: Publicação do Curso de Pós-graduação em Letras, v. 3, n. 2, mar. 1999.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: \_\_\_\_\_. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 9-49.
- SCHÜLLER, Donaldo. *Teoria do romance*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura em curso: trilogia pedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. Os homens-narrativas. In: \_\_\_\_\_. *As estruturas narrativas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970. p.119-133.
- ZAGURY, Eliane. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.

Recebido em 30 de agosto de 2010.

Aceito em 20 de outubro de 2010.